

E O BENFEITOR NÃO FOI ESQUECIDO

(Um episódio da Revolução Federalista)

Era uma madrugada escura de inverno. Fazia um frio horrível. Um vento gelado sacudia os ramos das árvores uivando tristemente.

Pela trilha de uma espessa mata, no interior de Santa Catarina, caminhavam um jovem oficial, dois civis com as mãos amarradas para trás e doze soldados armados de fuzis.

Eram dois rebeldes federalistas que iam ser fuzilados!

Estava o Brasil em plena guerra civil e os fuzilamentos eram frequentes nessa época tenebrosa.

A Revolução Federalista, que rebentara no Rio Grande do Sul, espalhou-se com incrível rapidez por Santa Catarina e Paraná, até que a memorável defesa da Lapa quebrou-lhe seu impulso vitorioso.

As forças legais, concentradas em Itararé, tomaram então a ofensiva, levando de vencida os federalistas, e como a República, recém-proclamada, precisava ser consolidada, exigia, na opinião de alguns chefes militares, uma severíssima reprimenda para impôr o princípio de autoridade.

E nessa reação sangrenta tornou-se tristemente célebre o coronel Moreira César, pela sua implacável crueldade e falta de sensibilidade humana.

Todo o chefe rebelde, aprisionado pelas suas tropas, era fuzilado sem delongas, sem que lhe valesse qualquer direito de defesa. E isso acontecia em um país, onde a pena de morte havia sido abolida pela monarquia.

E por isso que, em cumprimento de ordens, vamos encontrar os dois jovens federalistas a caminho do fuzilamento.

O oficial fez um gesto brusco e o pequeno grupo fez alto.

— A nossa missão é secreta. Ninguém sabe o que vai se passar. Proibido comentários. 12 balas no peito de quem falar, — disse o oficial em voz alta. E virando-se para o sargento ordenou:

— Sargento! Escolha quatro homens, traga os presos e sigam-me!

A ordem foi cumprida com presteza e ninguém ousou olhar para o companheiro. Depois de uma caminhada de 10 minutos, o oficial exclamou: — Alto. Abram duas covas aqui! E, com um gesto, indicou o local.

Dois soldados, munidos de pá e picareta, iniciaram a sinistra tarefa. Antes da mesma ser concluída, o oficial, fazendo um gesto imperativo, intimou: — Basta! E sacando de uma faca, cortou as cordas que prendiam os presos e apontando para o lado oposto de onde viera, resmungou: — Agora tujam!

E voltando-se para os seus homens, comandou com energia: — Apontem as armas para as covas! Carregar! Apontar! Fogo! Uma descarga retumbou na solidão da mata. E outra descarga seguiu-se ao repetir o comando.

Depois, disparou duas vezes o revólver para o ar e com a arma na mão fez essa brutal ameaça: — Darei um tiro na boca de quem falar!

E o episódio foi esquecido.
Passaram-se muitos anos.

Uma tarde, um oficial do Exército chegou a uma estação da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande. Acompanhava-o a esposa e um filho de 2 anos. Ele estivera trabalhando em uma estrada de rodagem, obtivera dispensa da comissão, e, depois de uma longa e penosa viagem de carroça, chegara a esse lugar pauperíssimo com 3 ou 4 casas. Foi informado então pelo agente da estação que tinha havido um descarrilhamento e que só haveria trem no dia seguinte às 5 horas da tarde.

Era o que podia suceder de pior. Ficou 26 horas em uma acanhada estação ferroviária, sem nenhum conforto e sem ter ao menos o que comprar para comer. O chefe da estação parecia estar satisfeito com a situação embaraçada do oficial, mas o telegrafista, mostrando alguma boa vontade, prometeu arranjar um sota na saleta onde funcionava o telégrafo, único recinto fechado da estação.

Ele, como bom militar, se arranjaria de qualquer forma, mas a senhora e o filho ficarem em tão penosa situação, era o que não podia suportar. E quando pensou na alimentação para a criança, ficou tão nervoso que se pôs a andar pela pequena plataforma da estação.

Depois, entregue aos mais tristes pensamentos, pôs-se a fumar sentado sobre um caixote, contemplando o filho adormecido nos braços da mãe.

E assim passou uma hora longa e angustiosa.

Não surgiram dois robustos fazendei-

ros sulistas, ainda moços, altos e corpulentos. Trajavam ambos bombachas, botas, ponche e o clássico chapéu de abas largas. Ambos olharam com surpresa e curiosidade para o oficial, leram o letrinho das maletas, cochicharam entre si e ficaram a olhar para o oficial e para a senhora.

O oficial franziu a testa ao se ver alvo de um exame tão indiscreto. Por fim, o fazendeiro mais velho perguntou: — O Sr. é o Tenente Alberto Limeira Jorge?

— Capitão! corrigiu o oficial visivelmente agastado.

— E na Revolução Federalista não serviu às ordens do coronel Moreira César?

— Sim. Por que pergunta?

— Porque fazemos questão de hospedeiros

em nossa casa e não admitimos que passe a noite em semelhante lugar. "Henrique, apanhe a outra maleta! Capitão, convide a senhora e vamos andando".

Muito intrigado o oficial obedeceu e, no trajeto, fez um notável esforço de memória para descobrir quem eram esses amigos tão prestimosos, que surgiram, como por encanto, para tirá-lo de uma enorme dificuldade. Era totalmente estranho no lugar, não conhecia pessoa alguma e agora surgiram dois ilustres desconhecidos que transportavam as suas maletas como simples carregadores.

Era pois um autêntico milagre!...

Depois de uma caminhada de pouco mais de um quilometro, chegaram a uma alegre casa camponesa de aspecto senho-

rial, onde entraram. O oficial e esposa ficaram em uma ampla e bem arrumada sala de visitas, enquanto os hospedeiros entraram para o interior da casa com as maletas, chamando pessoas e dando ordens. Dez minutos depois, surgiu, risonha, a dona da casa, que gentilmente os cumprimentou e ofereceu a casa com sincera simpatia. Ela conduziu os visitantes a um espaçoso quarto, muito limpo, arrumado e confortável. E, fazendo festa ao garotinho, disse: — Já providenciei um banho quente para o "piá" e o mingau de aveia dele já está no fogo. Estejam os amigos à vontade. Vou agora providenciar um jantar de gente pobre.

Quando ela retornou-se, a senhora perguntou ao marido:

— Quem são esses seus amigos? Onde V. os conheceu?

— Juro que não faço a menor idéia... Sei tanto quanto V.

A mesa do jantar tinha um aspecto festivo. Uma Petromax dava uma claridade alegre ao recinto. Uma mesa, coberta por uma alva toalha de linho, tinha pratos, copos e talheres, caprichosamente arrumados e muitas travessas com os mais variados quitutes, que estimulavam o apetite. Duas garratas de vinho e uma bela cesta de caquís completavam a cuidadosa arrumação.

Não se podia exigir de gente de interior melhor tratamento.

O oficial sentou-se a cabeceira da mesa e falou com franqueza:

— Eu não acno explicação para esse tratamento tão indaigo e generoso. Talvez estejam enganados a meu respeito ou estou sendo tomado por outra pessoa. Sei que os oficiais legalistas do tempo da revolução federalista não gozam de bom conceito nos Estados sulistas e aqui, em pleno sertão catarinense, recebo com a minha família a mais cordeal acolhida, sem saber o que fiz para merecer tantas provas de amizade e distinção.

E o dono da casa esclareceu:

— E natural, capitão, que não se lembre mais. O tempo e as mudanças de guarnições fizeram com que nos esquecêssemos. Não e possível, porém, esquecer o bem que lhe devemos.

— Na revolução federalista não serviu às ordens do coronel Moreira César? O oficial fez um gesto afirmativo.

— Não tomou parte no combate do Pinhal, onde os revoltosos levaram uma tremenda surra?

— Sim!

— Não se recorda que o Sr., em uma madrugada escura e fria, conduziu dois jovens federalistas para serem fuzilados no interior de uma mata e que, em vez de cumprir essa sinistra missão, preferiu dar-lhes escapula, simulando um fuzilamento?

— Agora me recorde, exclamou o oficial, caindo em si.

— Pois, meu caro capitão, eu e meu primo Henrique somos os moços que o sr. ajudou, favorecendo-nos a fuga. Arriscou a sua vida, sua carreira e o seu futuro para nos poupar. E isso ninguém esquece mais.

A dona da casa, sinceramente emocionada, interveio então na conversa:

— Eu não sei o que seria de minha vida, se tal desgraça tivesse sucedido! Muito jovem, inexperiente, longe de minha família, ficaria viúva com um filho de 6 meses e já esperando outro, no meio dos horrores e crueldades de uma revolução. E tudo isso foi evitado pela bondade de um homem que, apesar de ser um bom militar, é também humano e generoso.

— A prima Maria José disse tudo, — acrescentou a outra senhora, — e agora preciso dizer também que o Sr. salvou a vida do meu noivo e quando nos casamos dei ao primeiro filho o nome do salvador da vida de meu marido.

E o dono da casa concluiu com emoção:

— Portanto, meu caro capitão, o Sr. nunca foi, para nós, um estranho. Seu nome nos é familiar e vive em nossos corações, coberto de bênçãos. Minha família, hoje, rende graças a Deus por ter conduzido os seus passos até esta casa.

— Agora compreendo tudo e sei que estou entre amigos, — disse, sorrindo, o oficial. E abriu o jantar, levantando um brinde fraternal à saúde dos seus generosos hospedeiros.

Joaquim Alerano Bandeira Barros
(Inédito) Outubro de 1952 - Fortaleza - Ceará